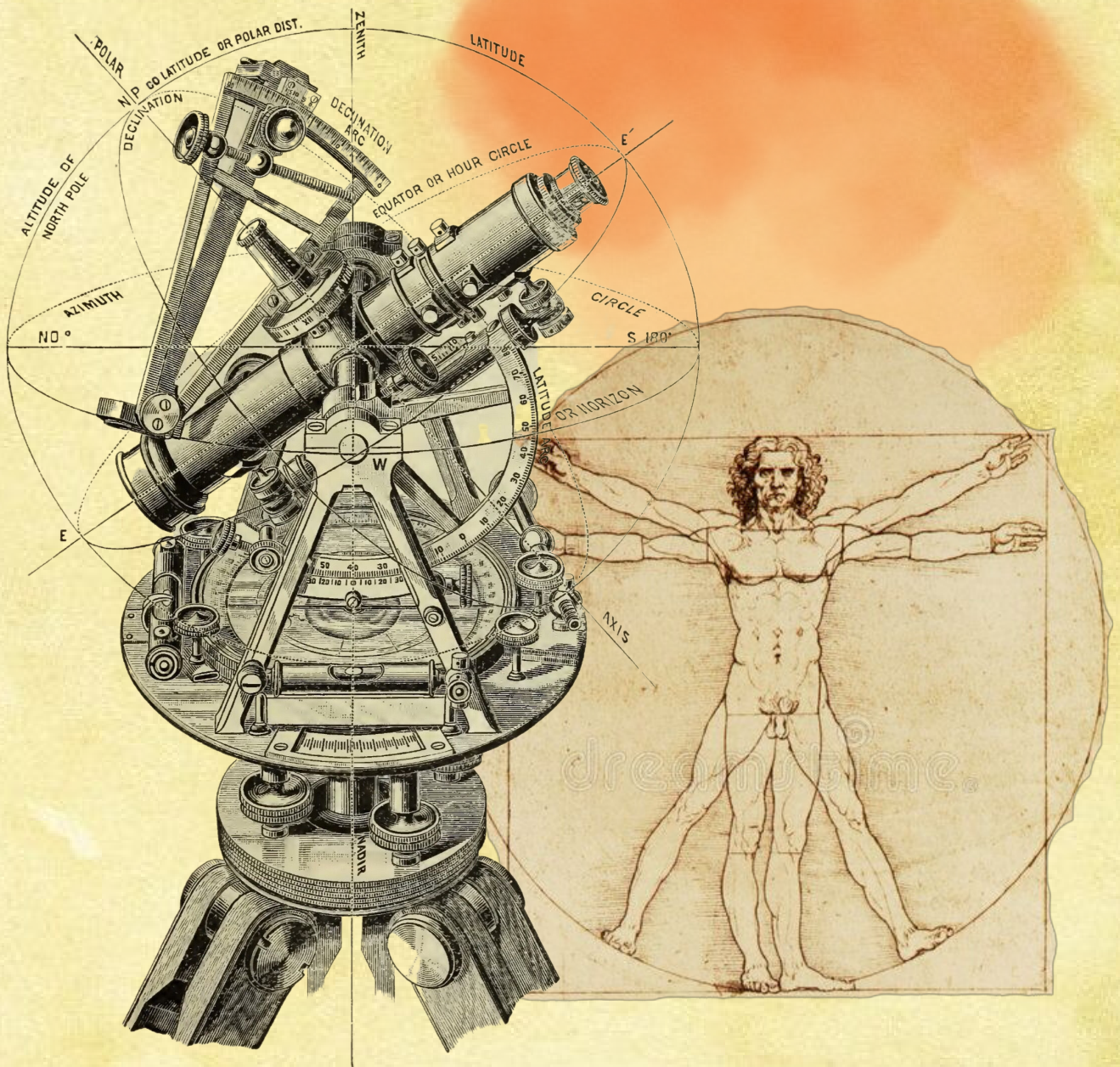


METODOLOGIA CIENTÍFICA

LEHMAN'S MOUNT IN TRANSIT.

THE SOLAR ATTACHMENT



Seminário
Casa de
Profetas

SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
1 - Introdução	07
2 - Tipos de Conhecimentos	09
2.1 - Conhecimento Empírico	
2.2 - Conhecimento Filosófico	
2.3 - Conhecimento Teológico	
2.4 - Conhecimento Científico	
3 - A Ciência	11
3.1 - Do medo à Ciência	
3.2 - A evolução da Ciência	
3.3 - A neutralidade científica	
4 - Tipos de Pesquisa	15
5 - O Projeto da Pesquisa	20
5.1 - Escolha do Tema	
5.1.1 - Fatores internos	
5.1.2 - Fatores Externos	
5.2 - Levantamento de Fontes ou Revisão de Literatura	
5.2.1 - Sugestões para o Levantamento de Literatura	
5.2.1.1 - Locais de coletas	
5.2.1.2 - Registro de documentos	
5.2.1.3 - Organização	
5.3 - Problema	
5.4 - Hipótese	
5.5 - Justificativa	
5.6 - Objetivos	
5.7 - Metodologia	
5.8 - Cronograma	
5.9 - Recursos	
5.9.1 - Material permanente	

5.9.2 - Material de Consumo	
5.9.3 - Pessoal	
5.10 - Anexos	
5.11 - Referências	
5.12 - Glossário	
5.13 - Esquema do Trabalho	
5.14 - Resumindo...	
6 - Instrumentos de Coletas de Dados	40
6.1 - Questionário	
6.1.1 - Conteúdo de um questionário	
6.1.1.1 - Carta Explicação	
6.1.1.2 - Itens de Identificação do Respondente	
6.1.1.3 - Itens sobre as questões a serem pesquisadas	
6.1.1.3.1 - Itens sim-não, certo-errado e verdadeiro-falso	
6.1.1.3.2 - Respostas livres, abertas ou curtas	
6.1.1.3.3 - Itens de múltipla escolha	
6.1.1.3.4 - Questões mistas	
6.2 - Entrevista	
6.2.1 - Sugestões de planejamento	
6.2.1.1 - Quem deve ser entrevistado	
6.2.1.2 - Plano da entrevista	
6.2.1.3 - Pré-teste	
6.2.1.4 - Diante do entrevistado	
6.2.1.5 - Relatório	
6.3 - Observação	
6.3.1 - Sugestões para uma observação	
6.3.1.1 - Conhecimento prévio do que observar	
6.3.1.2 - Planejamento de um método de registro	
6.3.1.3 - Fenômenos não esperados	
6.3.1.4 - Registro fotográfico ou vídeo	

6.3.1.5 - Relatório	
6.4 - Análise de Conteúdo	
6.4.1 - A Internet	
6.4.2 - Fichamentos	
6.4.2.1 - Ficha bibliográfica	
6.4.2.2 - Ficha de resumo ou conteúdo	
6.4.2.3 - Ficha de citações	
7 - Estrutura de Apresentação do Trabalho	49
7.1 - Capa	
7.2 - Folha de Rosto	
7.3 - Folha de Aprovação	
7.4 - Dedicatória	
7.5 - Agradecimento	
7.6 - Epígrafe	
7.7 - Resumo em Língua Portuguesa	
7.8 - Resumo em Língua Estrangeira	
7.9 - Lista de Ilustrações	
10 - Lista de Abreviações e Siglas	
7.11 - Sumário	
7.11.1 - Divisão de um Sumário	
7.12 - Texto	
7.12.1 - Introdução	
7.12.2 - Desenvolvimento do Texto	
7.12.3 - Conclusão	
7.13 - Anexos	
7.14 - Referências	
7.15 - Glossário	
8 - Organização do Corpo do Texto	58
8.1 - Citações	

8.1.1 - Citação Direta	
8.1.2 - Citação de Citação	
8.1.3 - Citação Indireta	
8.2 - Localização das Citações	
8.3 - Paginação	
8.4 - Formato	
9 - Referências	62
Anexo 1	63
1 - Exemplos de elaboração de referências de fontes	
1.1 - Referências de livros	
Autor pessoa física:	
Até três autores:	
Mais de três autores:	
Sem nome do autor:	
Dissertação / Tese:	
Autor corporativo:	
O autor do capítulo citado é também autor da obra:	
O autor do capítulo citado não é o autor da obra:	
1.2 - Artigos	
Artigo de um autor:	
Artigo não assinado (sem nome de autor):	
Artigo de jornal assinado:	
Artigo de jornal não assinado (sem nome de autor):	
1.3 - Publicações Periódicas	
Coleções inteiras:	
Somente uma parte de uma coleção:	
Decretos-Leis, Portarias etc.:	
Pareceres, Resoluções etc:	
Trabalho publicado em anais de congresso e outros eventos:	
Anais de congresso no todo:	
1.4 - Obras de Referência	
Dicionário:	

Enciclopédia:

Anuário:

1.5 - Internet

1.6 - Imagem em movimento

1.7 - Mídia eletrônica

Anexo 2 71

2 - Sugestões de Leituras

CONCLUSÃO 76

REFERÊNCIAS 77

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho não tem a pretensão de abranger todas as questões envolvidas em Metodologia Científica. Trata-se, tão somente, de uma ajuda para consulta por parte dos estudantes dos cursos de graduação, podendo também contribuir aos estudantes de pós-graduação. Qualquer aprofundamento teórico ou prático deverá ser buscado na bibliografia sugerida no final deste trabalho.

Nossa intenção foi apenas facilitar a busca dos estudantes no que diz respeito aos trabalhos de pesquisa acadêmica. A estrutura deste trabalho, por si só, serve de modelo para um trabalho realizado em sala de aula. Além disso, procuramos apresentar e explicar as regras para cada parte de um trabalho científico.

Baseados em observações próprias, sem conotação científica, notamos que a disciplina de Metodologia Científica é uma das mais rejeitadas pelos estudantes em praticamente todos os cursos de graduação. É, mais ou menos, como o velho chavão do "odeio matemática", mesmo que a matemática não seja tão terrível assim.

A disciplina Metodologia Científica é iminentemente prática e deve estimular os estudantes para que busquem motivações para encontrar respostas às suas dúvidas. Se nos referimos a um curso superior estamos naturalmente nos referindo a uma Academia de Ciência e, como tal, as respostas aos problemas de aquisição de conhecimento deveriam ser buscadas através do rigor científico e apresentadas através das normas acadêmicas vigentes.

Dito isto, parece que fica claro que metodologia científica não é um simples conteúdo a ser decorado pelos alunos, para ser verificado num dia de prova; trata-se de fornecer aos estudantes um instrumental indispensável para que sejam capazes de atingir os objetivos da Academia, que são o estudo e a pesquisa em qualquer área do conhecimento. Trata-se então de se aprender fazendo, como sugere os conceitos mais modernos da Pedagogia.

Procuramos, na medida do possível, seguir rigorosamente as regras definidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, para elaboração de trabalhos científicos. Caso alguma regra não esteja sendo cumprida, a responsabilidade é da desatenção do autor.

A presente obra procura não dificultar as questões que envolvem a elaboração de um projeto e o relatório da pesquisa, portanto pode ser entendida como uma facilitadora da aprendizagem, onde os

estudantes poderão consultar, a qualquer hora, para suprimir suas dúvidas quanto aos procedimentos, técnicas e normas de pesquisa.

Quando falamos de um curso superior, estamos nos referindo, indiretamente, a uma Academia de Ciências, já que qualquer Faculdade nada mais é do que o local próprio da busca incessante do saber científico. Neste sentido, esta disciplina tem uma importância fundamental na formação do profissional. **Se os alunos procuram a Academia para buscar saber, precisamos entender que Metodologia Científica nada mais é do que a disciplina que "estuda os caminhos do saber", se entendermos que "método" quer dizer caminho, "logia" quer dizer estudo e "ciência" que dizer saber. Mas aprender a pesquisar é muito fácil. Vejam só:**

2 - TIPOS DE CONHECIMENTOS

Conhecer é incorporar um conceito novo, ou original, sobre um fato ou fenômeno qualquer. O conhecimento não nasce do vazio e sim das experiências que acumulamos em nossa vida cotidiana, através de experiências, dos relacionamentos interpessoais, das leituras de livros e artigos diversos.

Entre todos os animais, nós, os seres humanos, somos os únicos capazes de criar e transformar o conhecimento; somos os únicos capazes de aplicar o que aprendemos, por diversos meios, numa situação de mudança do conhecimento; somos os únicos capazes de criar um sistema de símbolos, como a linguagem, e com ele registrar nossas próprias experiências e passar para outros seres humanos. Essa característica é o que nos permite dizer que somos diferentes dos gatos, dos cães, dos macacos e dos leões.

Ao criarmos este sistema de símbolos, através da evolução da espécie humana, permitimo-nos também ao pensar e, por consequência, a ordenação e a previsão dos fenômenos que nos cerca.

Existem diferentes tipos de conhecimentos:

2.1 - Conhecimento Empírico (ou conhecimento vulgar, ou senso-comum) É o conhecimento obtido ao acaso, após inúmeras tentativas, ou seja, o conhecimento adquirido através de ações não planejadas.

Exemplo: A chave está emperrando na fechadura e, de tanto experimentarmos abrir a porta, acabamos por descobrir (conhecer) um jeitinho de girar a chave sem emperrar.

2.2 - Conhecimento Filosófico - É fruto do raciocínio e da reflexão humana. É o conhecimento especulativo sobre fenômenos, gerando conceitos subjetivos. Busca dar sentido aos fenômenos gerais do universo, ultrapassando os limites formais da ciência.

Exemplo: "O homem é a ponte entre o animal e o além-homem" (Friedrich Nietzsche)

2.3 - Conhecimento Teológico - Conhecimento revelado pela fé divina ou crença religiosa. Não pode, por sua origem, ser confirmado ou negado. Depende da formação moral e das crenças de cada indivíduo.

Exemplo: Acreditar que alguém foi curado por um milagre; ou acreditar em Duende; acreditar em reencarnação; acreditar em espírito etc..

2.4 - Conhecimento Científico - É o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. Sua origem está nos procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. Podemos então dizer que o Conhecimento Científico:

- É racional e objetivo.
- Atém-se aos fatos.
- Transcende aos fatos.
- É analítico.
- Requer exatidão e clareza.
- É comunicável.
- É verificável.
- Depende de investigação metódica.
- Busca e aplica leis.
- É explicativo.
- Pode fazer previsões.
- É aberto.
- É útil (GALLIANO, 1979, p. 24-30).

Exemplo: Descobrir uma vacina que evite uma doença; descobrir como se dá a respiração dos batráquios.

3 - A CIÊNCIA

3.1 - Do medo à Ciência

A evolução humana corresponde ao desenvolvimento de sua inteligência. Sendo assim podemos definir três níveis de desenvolvimento da inteligência dos seres humanos desde o surgimento dos primeiros hominídeos: o medo, o misticismo e a ciência.

a) O medo:

Os seres humanos pré-históricos não conseguiam entender os fenômenos da natureza. Por este motivo, suas reações eram sempre de medo: tinham medo das tempestades e do desconhecido. Como não conseguiam compreender o que se passava diante deles, não lhes restava outra alternativa senão o medo e o espanto daquilo que presenciavam.

b) O misticismo:

Num segundo momento, a inteligência humana evoluiu do medo para a tentativa de explicação dos fenômenos através do pensamento mágico, das crenças e das superstições. Era, sem dúvida, uma evolução já que tentavam explicar o que viam. Assim, as tempestades podiam ser fruto de uma ira divina, a boa colheita da benevolência dos mitos, as desgraças ou as fortunas do casamento do humano com o mágico.

c) A ciência:

Como as explicações mágicas não bastavam para compreender os fenômenos os seres humanos finalmente evoluíram para a busca de respostas através de caminhos que pudessem ser comprovados. Desta forma, nasceu a ciência metódica, que procura sempre uma aproximação com a lógica.

O ser humano é o único animal na natureza com capacidade de pensar. Esta característica permite que os seres humanos sejam capazes de refletir sobre o significado de suas próprias experiências. Assim sendo, é capaz de novas descobertas e de transmiti-las a seus descendentes.

O desenvolvimento do conhecimento humano está intrinsecamente ligado à sua característica de viver em grupo, ou seja, o saber de um indivíduo é transmitido a outro, que, por sua vez, aproveita-se deste saber para somar outro. Assim evolui a ciência.

3.2 - A evolução da Ciência

Os egípcios já tinham desenvolvido um saber técnico evoluído, principalmente nas áreas de matemática, geometria e na medicina, mas os gregos foram provavelmente os primeiros a buscar o saber que não tivesse, necessariamente, uma relação com atividade de utilização prática. A preocupação dos precursores da filosofia (filo = amigo + sofia (sóphos) = saber e quer dizer amigo do saber) era buscar conhecer o porque e o para que de tudo o que se pudesse pensar.

O conhecimento histórico dos seres humanos sempre teve uma forte influência de crenças e dogmas religiosos. Mas, na Idade Média, a Igreja Católica serviu de marco referencial para praticamente todas as ideias discutidas na época. A população não participava do saber, já que os documentos para consulta estavam presos nos mosteiros das ordens religiosas.

Foi no período do Renascimento, aproximadamente entre o séculos XV e XVI (anos 1400 e 1500) que, segundo alguns historiadores, os seres humanos retomaram o prazer de pensar e produzir o conhecimento através das idéias. Neste período as artes, de uma forma geral, tomaram um impulso significativo. Neste período Michelangelo Buonarrote esculpiu a estátua de David e pintou o teto da Capela Sistina, na Itália; Thomas Morus escreveu A Utopia (utopia é um termo que deriva do grego onde u = não + topos = lugar e quer dizer em nenhum lugar); Tomaso Campanella escreveu A Cidade do Sol; Francis Bacon, A Nova Atlântica; Voltaire, Micrômegas, caracterizando um pensamento não descritivo da realidade, mas criador de uma realidade ideal, do dever ser.

No século XVII e XVIII (anos 1600 e 1700) a burguesia assumiu uma característica própria de pensamento, tendendo para um processo que tivesse imediata utilização prática. Com isso surgiu o Iluminismo, corrente filosófica que propôs "a luz da razão sobre as trevas dos dogmas religiosos". O pensador René Descartes mostrou ser a razão a essência dos seres humanos, surgindo a frase "penso, logo existo". No aspecto político o movimento Iluminista expressou-se pela necessidade do povo escolher seus governantes através de livre escolha da vontade popular. Lembremo-nos de que foi neste período que ocorreu a Revolução Francesa em 1789.

O Método Científico surgiu como uma tentativa de organizar o pensamento para se chegar ao meio mais adequado de conhecer e controlar a natureza. Já no fim do período do Renascimento, Francis Bacon pregava o método indutivo como meio de se produzir o conhecimento. Este método entendia o conhecimento como resultado de experimentações contínuas e do aprofundamento do conhecimento empírico. Por outro lado, através de seu Discurso sobre o método, René Descartes defendeu o método dedutivo como aquele que possibilitaria a aquisição do conhecimento através da elaboração lógica de hipóteses e a busca de sua confirmação ou negação.

A Igreja e o pensamento mágico cederam lugar a um processo denominado, por alguns historiadores, de "laicização da sociedade". Se a Igreja trazia até o fim da Idade Média a hegemonia dos estudos e da explicação dos fenômenos relacionados à vida, a ciência tomou a frente deste processo, fazendo da Igreja e do pensamento religioso razão de ser dos estudos científicos.

No século XIX (anos 1800) a ciência passou a ter uma importância fundamental. Parecia que tudo só tinha explicação através da ciência. Como se o que não fosse científico não correspondesse a verdade. Se Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Giordano Bruno, entre outros, foram perseguidos pela Igreja, em função de suas idéias sobre as coisas do mundo, o século XIX serviu como referência de desenvolvimento do conhecimento científico em todas as áreas. Na sociologia Augusto Comte desenvolveu sua explicação de sociedade, criando o Positivismo, vindo logo após outros pensadores; na Economia, Karl Marx procurou explicar as relações sociais através das questões econômicas, resultando no Materialismo-Dialético; Charles Darwin revolucionou a Antropologia, ferindo os dogmas sacralizados pela religião, com a Teoria da Hereditariedade das Espécies ou Teoria da Evolução. A ciência passou a assumir uma posição quase que religiosa diante das explicações dos fenômenos sociais, biológicos, antropológicos, físicos e naturais.

3.3 - A neutralidade científica

É sabido que, para se fazer uma análise desapassionada de qualquer tema é necessário que o pesquisador mantenha certa distância emocional do assunto abordado. Mas será isso possível? Seria possível um pastor, ao analisar a evolução histórica da Igreja, manter-se afastado de sua própria história de vida? Ou ao contrário, um pesquisador ateu abordar um tema religioso sem um conseqüente envolvimento ideológico nos caminhos de sua pesquisa?

Provavelmente a resposta seria não. Mas, ao mesmo tempo, a consciência desta realidade pode nos preparar para trabalhar esta variável de forma que os resultados da pesquisa não sofram interferências além das esperadas. É preciso que o pesquisador tenha consciência da possibilidade de interferência de sua formação moral, religiosa, cultural e de sua carga de valores para que os resultados da pesquisa não sejam influenciados por eles além do aceitável.

4 - TIPOS DE PESQUISA

Pesquisa é o mesmo que busca ou procura. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. Em se tratando de Ciência a pesquisa é a busca de solução a um problema que alguém queira saber a resposta. Se produz ciência através de uma pesquisa.

Pesquisa é, portanto, o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento.

É na pesquisa que utilizaremos diferentes instrumentos para se chegar a uma resposta mais precisa. O instrumento ideal deverá ser estipulado pelo pesquisador para se atingir os resultados ideais. Num exemplo grosseiro eu não poderia procurar um tesouro numa praia cavando um buraco com uma picareta; eu precisaria de uma pá. Da mesma forma eu não poderia fazer um buraco no cimento com uma pá; eu precisaria de uma picareta. Por isso a importância de se definir o tipo de pesquisa e da escolha do instrumental ideal a ser utilizado.

A Ciência, através da evolução de seus conceitos, está dividida por áreas do conhecimento. Assim, hoje temos conhecimento das Ciências Humanas, Sociais, Biológicas, Exatas, entre outras. Mesmo estas divisões têm outras subdivisões cuja definição varia segundo conceitos de muitos autores. As Ciências Sociais, por exemplo, pode ser dividida em Direito, História, Sociologia etc.

Podemos definir ou classificar os tipos de pesquisa desta forma:

4.1 - Quanto ao Material

Nesta classificação inclui-se a “matéria prima” utilizada. Em certo sentido, o material condiciona não apenas a técnica a ser utilizada, como, em grande parte, os resultados que se esperam da pesquisa

4.1.1 - Pesquisa Bibliográfica:

É aquela realizada principalmente através da consulta de materiais escritos, em geral localizados em bibliotecas. Está associada com a procura de dados significativos e interpretações do passado e procura de dados extensos e informações estatísticas a respeito da vida contemporânea, frequentemente encontrados em documentos do governo, e profissionais e em fontes similares. A bibliográfica se faz

presente em todos os tipos de pesquisas. Qualquer pesquisa, para ser realmente pesquisa, deve oferecer alguma contribuição da parte de quem a realiza, ao campo do conhecimento em que foi centralizada.

Importante: Além da bíblia e livros é importante assinar: revistas, jornais e informativos.

4.1.2 - Pesquisa Social:

É toda pesquisa que busca respostas de um grupo social. De modo geral, é definida com inclusão tanto das ciências sociais como das chamadas humanidades. Estuda a humanidade no seu ambiente social. Visa melhorar o conhecimento e compreensão de ordens, grupos, instituições sociais e modos de comportamento. A pesquisa social está se tornando cada vez mais importante na vida das pessoas na atualidade pela própria necessidade demonstrada pelo ser humano, seu comportamento sócio cultural e natureza.

Exemplo: Saber quais os hábitos alimentares de uma comunidade específica.

4.1.3 - Pesquisa da Ciência Natural:

Conhecida também como pesquisa de ciência da vida e ciência física. É em sua maioria de natureza experimental. Utiliza mais laboratórios do que bibliotecas. Uma das consequências imediatas é que os relatórios de pesquisa, são muitas vezes, mais curtos do que os baseados em forma escritas. Campos de atuação: medicina, astronomia, geologia, energia nuclear, etc.

4.1.4 - Pesquisa Tecnológica:

A denominada pesquisa aplicada, consiste, em grande, na aplicação dos tipos de pesquisa previamente relacionados às necessidades imediatas da indústria, recreação, educação, e aos aspectos econômicos relacionados ao comportamento dos seres humanos.

Exemplos: Automação industrial, informatização, internet.

4.2 - Quanto ao Método

Do ponto de vista do método utilizado na elaboração da pesquisa, esta pode ser classificada em três grupos designativos fundamentais de investigação: a história, a descritiva e a experimental. Estamos utilizando o vocábulo método como caminho para se alcançar determinado fim.

4.2.1 - Pesquisa Histórica:

É toda pesquisa que estuda o passado. Visa estudar algo que já passou e pertence à história. Faz um estudo retrospectivo de evento, pessoa ou movimento, buscando as suas origens, influência e projeção quanto ao futuro. Trabalha com fontes históricas. Exige-se atitude crítica para evitar a fraude documentária.

Exemplos: a) Saber de que forma se deu a Proclamação da República brasileira. b) Saber que ano, realmente, nasceu Jesus Cristo.

4.2.2 - Pesquisa Descritiva ou Teórica/Exploratória:

A investigação descritiva é feita do ponto de vista do presente. Procura, através da utilização de uma técnica variada, descrever a natureza de um fenômeno ou problema sob os ângulos possíveis. Muito utilizada em sociologia, no estudo de comunidades e estudo de casos, também pode ser utilizada em combinação com a investigação histórica, no estudo de tópicos relacionados a outras áreas do conhecimento humano.

Procura descrever um fenômeno e fornecer alternativas de explicação para ele, bem como sugerir soluções novas.

4.2.3 - Pesquisa Experimental:

É um método utilizado preferencialmente na pesquisa científica propriamente dita, que envolve algum tipo de experimento. Preocupa-se com a observação controlada das mudanças e desenvolvimentos de um fenômeno físico ou social. O elemento caracterizador deste tipo de investigação é o controle.

Exemplo: Utilização de animais e seres humanos voluntários para experimentar a reação de medicamento.

4.3 - Aspectos principais da pesquisa

1) **Acumulação:** Ao pesquisar os trabalhos existentes, sobre determinado assunto, visando informar a sua própria pesquisa, o pesquisador não apenas demonstra a sua dependência em relação a uma tradição de conhecimento existente. Afirmar isso seria negar a possibilidade de progresso. Na verdade, ao efetuar a sua pesquisa, contribui, ele próprio, para o acervo de informações existentes em sua própria área.

2) **Cooperação:** Comunhão de esforços de inúmeros pesquisadores. A atividade de pesquisa, pensando-se em termos de conhecimento humano como um todo, é uma obra coletiva. Necessita de cooperação. Frequentemente verifica-se que uma descoberta em determinado setor vai beneficiar o andamento da pesquisa em outra área do conhecimento.

3) **Competição:** Verifica-se, também, um aspecto altamente competitivo na atividade de pesquisa. Este decorre do fato de só a prioridade conferir valor imediato incontestável a um novo resultado. Este fator explica os cuidados dos pesquisadores com o sigilo, pelo menos durante certa parte de suas atividades de pesquisa científica, para evitar: 1) apropriação indébita da idéia, concebida originalmente pelo pesquisador; 2) caráter de prudência e seriedade, pois os pesquisadores gostam de divulgar somente os resultados devidamente verificados, seguros certos.

4) **Universalismo:** Prevaler os critérios impessoais. Relacionar a descoberta ao fato e não meramente uma questão de opinião.

5) **Ceticismo Organizado:** É a aplicação, na ciência, do princípio da dúvida sistemática. O método científico tem o que se denomina de “correção própria”, ou seja, ele é autocorretiva. Isto se deve à aplicação de do principio da dúvida sistemática, que leva ao questionamento contínuo não só de descobertas científicas específicas, mas também, dos próprios fundamentos da ciência.

6) **Risco do Insucesso:** A atividade da pesquisa é também aleatória. Há sempre um risco de insucesso pairando sobre a pesquisa, qualquer que seja a área do conhecimento onde ela se verifica.

7) **Abertura:** Acima de tudo, a atividade da pesquisa caracteriza-se, ou deve caracterizar-se, pelo seu aspecto de abertura aos fatos ou achados. Desafios de problemas não resolvidos, possibilidade de uma nova formulação na expressão de idéias e conceitos, devem constituir desafio permanente para o pesquisador. Apesar de possuir suas próprias convicções, o pesquisador deve manter-se sempre aberto aos fatos sob sua análise, sob pena de incorrer em uma autolimitação.

5 - PROJETO DA PESQUISA

5.1 - Escolha do tema – planejando a pesquisa

Basicamente, podemos dizer, **a atividade de pesquisa** abrange cinco etapas fundamentais:

- 1) planejamento;
- 2) desenvolvimento ou coleta de dados;
- 3) análise de dados;
- 4) elaboração escrita preliminar do relatório de pesquisa;
- 5) editoração do relatório de pesquisa.

O **planejamento da pesquisa**, por sua vez, envolve vários passos:

- 1) seleção de um problema para a pesquisa;
- 2) identificação e formulação do problema;
- 3) formulação da hipótese e;
- 4) elaboração do esboço preliminar ou plano de assunto a ser desenvolvido pela pesquisa nas etapas posteriores;

Planejar é prever para prover. Sendo assim, toda a atenção é requerida para esta importante fase da atividade de pesquisa. O tempo gasto em um planejamento bem executado será recompensado pela satisfação de uma tarefa levada a termo com lógica e parcimônia. Não ter pressa para o esforço não ser inútil. Através da fase do planejamento para escolher o tema, o pesquisador irá estabelecer com precisão aquilo que pretende pesquisar.

Existem **dois fatores** principais que interferem na escolha de um tema para o trabalho de pesquisa. Abaixo estão relacionadas algumas **questões que devem ser levadas em consideração nesta escolha:**

5.1.1 - Fatores internos

- Afetividade em relação a um tema ou alto grau de interesse pessoal.

Para se trabalhar uma pesquisa é preciso ter um mínimo de prazer nesta atividade. A escolha do tema está vinculada, portanto, ao gosto pelo assunto a ser trabalhado. Trabalhar um assunto que não seja do seu agrado tornará a pesquisa num exercício de tortura e sofrimento.

- Tempo disponível para a realização do trabalho de pesquisa.

Na escolha do tema temos que levar em consideração a quantidade de atividades que teremos que cumprir para executar o trabalho e medi-la com o tempo dos trabalhos que temos que cumprir no nosso cotidiano, não relacionado à pesquisa.

- O limite das capacidades do pesquisador em relação ao tema pretendido.

É preciso que o pesquisador tenha consciência de sua limitação de conhecimentos para não entrar num assunto fora de sua área. Se minha área é a de ciências humanas, devo me ater aos temas relacionados a esta área.

5.1.2 - Fatores Externos

- A significação do tema escolhido, sua novidade, sua oportunidade e seus valores acadêmicos e sociais.

Na escolha do tema devemos tomar cuidado para não executarmos um trabalho que não interessará a ninguém. Se o trabalho merece ser feito que ele tenha uma importância qualquer para pessoas, grupos de pessoas ou para a sociedade em geral.

- O limite de tempo disponível para a conclusão do trabalho.

Quando a instituição determina um prazo para a entrega do relatório final da pesquisa, não podemos nos enveredar por assuntos que não nos permitirão cumprir este prazo. O tema escolhido deve estar delimitado dentro do tempo possível para a conclusão do trabalho.

- Material de consulta e dados necessários ao pesquisador.

Outro problema na escolha do tema é a disponibilidade de material para consulta. Muitas vezes o tema escolhido é pouco trabalhado por outros autores e não existem fontes secundárias para consulta. A falta dessas fontes obriga ao pesquisador buscar fontes primárias que necessita de um tempo maior para a realização do trabalho. Este problema não impede a realização da pesquisa, mas deve ser levado em consideração para que o tempo institucional não seja ultrapassado.

5.2 - Levantamento ou revisão de literatura

O Levantamento de Literatura é a localização e obtenção de documentos para avaliar a disponibilidade de material que subsidiará o tema do trabalho de pesquisa.

Este levantamento é realizado junto às bibliotecas ou serviços de informações existentes.

5.2.1 - Sugestões para o levantamento de literatura

5.2.1.1 – Locais de coletas - Determine com antecedência que bibliotecas, agências governamentais ou particulares, instituições, indivíduos ou acervos deverão ser procurados.

5.2.1.2 – Registro de documentos - Esteja preparado para copiar os documentos, seja através de xerox, fotografias ou outro meio qualquer.

5.2.1.3 – Organização - Separe os documentos recolhidos de acordo com os critérios de sua pesquisa.

O levantamento de literatura pode ser determinado em dois níveis:

a - Nível geral do tema a ser tratado.

Relação de todas as obras ou documentos sobre o assunto.

b - Nível específico a ser tratado.

Relação somente das obras ou documentos que contenham dados referentes à especificidade do tema a ser tratado.

5.3 - Problema

5.3.1 - Seleção de problema para pesquisa

O problema é a mola propulsora de todo o trabalho de pesquisa. Depois de definido o tema, levanta-se uma questão para ser respondida através de uma hipótese, que será confirmada ou negada através do trabalho de pesquisa. O Problema é criado pelo próprio autor e relacionado ao tema escolhido. O autor, no caso, criará um questionamento para definir a abrangência de sua pesquisa. Não há regras para se criar um Problema, mas alguns autores sugerem que ele seja expresso em forma de pergunta. A preocupação justificada principalmente devido à exigência de certo grau de originalidade nessa tese. Mas existem alguns fatores podem ensejar a localização de problemas relevantes para uma pesquisa:

1) Procure tornar-te uma pessoa versada numa área de especialização

Isto significa que o indivíduo que se especializou em determinado campo tem mais condições de perceber os problemas que nele se verificam. A experiência indica que as pessoas que se encontram enfronhadas em determinado campo possuem uma percepção maior dos problemas significativos naquela área;

2) Adote uma atitude crítica em sua leitura e pensamento

É obvio que não existe apenas a leitura como meio de tomar-se contato com as idéias existentes. Por vezes, em conferências, apenas ouvindo um preletor, descobre-se um mundo de problemas a serem pesquisados. No entanto, a leitura é dos processos mais utilizados e uma das principais fontes de problemas para a pesquisa; O pesquisador deve sempre se posicionar criticamente. Cada conceito, frase ou enunciado deve ser tomado para fins de análise. É recomendável que o pesquisador carregue consigo um caderno de notas, para não perder possíveis sugestões de pesquisa que porventura lhe ocorram em circunstâncias até inusitadas;

3) Verifique as idéias e sugestões de pesquisas existentes

Quando se analisa um relatório de pesquisa bem elaborado, segundo as normas técnicas, verifica-se a existência, geralmente ao fim dele, de uma lista de sugestões de temas ou possíveis problemas para pesquisa posterior. Tais sugestões podem ser consideradas como um subproduto de qualquer pesquisa bem fundamentada;

Pode-se retomar estudos que não foram finalizados ou conclusivo para análise e prosseguimento da pesquisa;

4) Explore as áreas de insatisfação existentes

As pessoas estão insatisfeitas por uma questão psicológica ou por problema de conhecimento? Sempre que tal atitude for notada, vale a pena uma investigação para se determinar a plausibilidade ou não de uma pesquisa maior dentro daquela área ou assunto.

5) Verifique o grau de interesse pessoal que o problema lhe desperta

Se o pesquisador não demonstrar algum interesse mais profundo pela questão, a sua motivação será muito fraca no sentido de solucionar o problema.

6) Significado e relevância do problema para o mundo acadêmico.

É necessário que o assunto tenha relevância e significado também para a comunidade acadêmica a qual se destina.

7) O limite da capacidade do pesquisador

Exige-se do pesquisador uma atitude de autocrítica. Neste sentido, devem ser considerados, na escolha de um tópico para a pesquisa, os fatores de qualificação pessoal em termo do background de sua formação, recursos físicos e financeiros, tempo disponível. O bom senso é de grande valia neste sentido.

Acessibilidade de dados

Levantar as seguintes questões: Dados prontos e fácil acesso. As técnicas disponíveis no momento da coleta e análise dos dados.

Procure listar os problemas significativos para seu desenvolvimento pessoal em pesquisa.

A prática, aliada a uma atitude metódica e crítica, é o único meio de um efetivo aprendizado;

5.3.2 - Formulação do problema para pesquisa (67)

Deve-se destacar que, para fins de pesquisa, não suficiente apenas a localização de um problema. O objetivo de fato é a solução. Mas, para alcançar a solução de um problema, é preciso que este seja devidamente identificado e formulado.

1. Conceituação:

Identificar ou formular um problema é o mesmo que “estabelecer a identidade de” ou, identificar é reconhecer ou estabelecer como ser uma pessoa ou coisa particular. É da constatação da existência de um objeto que nasce a identificação do objeto de estudo.

Já formular significa “expressar algo em forma precisa; afirmar algo definida e sistematicamente”. Pode-se dizer que formular é o mesmo que reduzir algo em uma afirmação ou expressão sistematizada.

Deve-se lembrar que a atividade de identificação e formulação do problema não é resolvida de imediato ao início de uma pesquisa. Uma das lições da prática da pesquisa é que, ao longo do planejamento e execução de uma pesquisa, usualmente o problema precisa ser reformulado em maior ou menor grau. Não podemos identificar e formular um problema e depois ignorá-lo. O pesquisador deverá voltar constantemente para analisar, à luz do feedback do processo, se é necessário, ou não, uma implementação do problema inicial da pesquisa

2. Processo de identificação do problema

Inicia-se com uma dificuldade observada ou sentida e termina quando o lócus, ou situação da dificuldade, tenha sido estabelecido. Exigências no processo de identificação:

- 1) a dificuldade observada reside na situação propriamente dita, não nos sentimentos dos participantes;
- 2) há uma questão ou problema que requer solução;
- 3) é possível conjecturar-se mais de uma solução para o problema. Uma vez satisfeitas tais exigências, o pesquisador poderá dar sequência na fase do planejamento. Destaca-se que a identificação do problema é condição indispensável para a sua formulação lógica.

3. Levantamento bibliográfico preliminar

Já foi mencionado que praticamente todo tipo de pesquisa envolve uma etapa de pesquisa bibliográfica. Naturalmente, existe aquele tipo de pesquisa que é centrado principalmente na consulta a fontes documentais.

No levantamento bibliográfico preliminar, recomenda-se a consulta, de início, de obras de referência, tais como enciclopédias e dicionários gerais e especializados. A enciclopédia apresenta uma vasta gama de informações relevantes sobre assuntos específicos com um mínimo de palavras.

Outras fontes bibliográficas

Livros introdutórios. Porque apresentam bibliografias mais amplas do que a encontrada em no fim dos verbetes nas enciclopédias;

Bibliografias Gerais - **São bibliografias que, em princípio não tem nada com o problema mas que, no final acaba contribuindo para o desenvolvimentos da pesquisa.**

Programas de cursos, ao lado dos sumários e índices de obras gerais e especializadas, também devem ser consultados, nesta fase da pesquisa.

Artigos e periódicos são de grande informação.

Recomenda-se elaborar o **guia bibliográfico** sobre seu trabalho que servirá para orientá-lo.

As **bibliotecas gerais ou especializadas** desempenham importante função nesta etapa do planejamento e possibilitará a execução do projeto.

Consulta aos especialistas na área de conhecimento a que pertence o assunto a ser investigado.

5.3.3 Processo de formulação do problema:

A formulação do problema começa quando termina sua identificação. Mas esta nova etapa não termina senão quando todos os dados tenham sido analisados e interpretados.

Levando-se em conta que **formular é expressar** de forma precisa, afirmar definida e sistematicamente. A etapa da formulação do problema deverá atender as seguintes condições:

- 1) especificação das hipóteses relevantes às alternativas e decisões a serem tomadas;
- 2) declaração dos pressupostos aceitos para atender aos objetivos da investigação;
- 3) explicação dos conceitos maiores que serão utilizados no curso da pesquisa.

Lista recomendada de procedimentos:

- 1) Reunir fatos que possam estar relacionados com o problema;
- 2) Decidir, mediante a observação e análise, se os fatos encontrados são importantes;
- 3) Identificar as possíveis relações existentes entre os fatos que possam indicar a causa da dificuldade;
- 4) Propor diversas explicações (hipóteses) para a causa da dificuldade;
- 5) Certificar-se, mediante a observação e análise, de que elas sejam importantes para o problema;

- 6) Encontrar, entre as explicações, aquelas relações que permitam adquirir-se uma visão mais profunda da solução do problema;
- 7) Estabelecer relações entre os fatos e as explicações;
- 8) Examinar os pressupostos em que se encontram apoiados os elementos identificados.

Verifica-se que a identificação e formulação de um problema não é um processo aleatório. Envolve **reflexão** intensa e **participação cognitiva** da parte do pesquisador.

Outro fator que deve ser destacado é que, embora a atividade de pesquisa seja aberta e dinâmica, ela **observa uma linha lógica e estruturada de ação**.

Exemplo:

Tema: A educação da mulher: a perpetuação da injustiça.

Problema: A mulher é tratada com submissão pela sociedade.

5.4 - Hipótese

Formulação de hipótese. Hipótese é o **enunciado da solução pretendida** pelo pesquisador provisoriamente como explicativa de um problema qualquer.

Em última análise, pela etimologia da palavra, **hipótese é uma tese em suspeição**.

Enquanto os dados não forem coletados, analisados e devidamente comprovados, **a função da hipótese será provisória**.

A Hipótese representa a perspectiva particular do pesquisador que se encontra à procura de evidências posteriores e observáveis que a sustentam e comprovem.

O pesquisador procura a solução do problema.

A hipótese não somente representa um **elo de ligação** entre a especulação e a verificação mas, o que é mais importante, ela se constitui no fator de crescimento essencial de todo conhecimento científico.

Exerce um papel integrador à reflexão do pesquisador e fixa uma diretriz capaz de impor ordem e finalidade a todo o processo da experimentação.

5.4.1. Tipos de Hipóteses:

1) **Descritivas:** Estabelecem a existência de uniformidades empíricas ou noções de senso comum. Fatos que ainda não foram conhecidos, mas cuja existência se suspeita.

2) **Analíticas:** Preocupa-se com o estabelecimento de relações entre variáveis. Procura descobrir o grau de mudança ou alteração entre um fator e outro.

5.4.2. Características de uma Hipótese Funcional

Não há muito valor em uma hipótese que por alguma deficiência de dados, ou instrumental, não possa ser comprovada. Ao afirmar uma hipótese ela deve ser exequível e comprovada com passar do tempo.

5.4.2.1. A hipótese deve ser conceitualmente clara – Os conceitos devem ser claramente definidos, se possível, operacionalmente e que sejam comumente aceitos e comunicáveis.

5.4.2.2. A hipótese deve ter referencia empírica – Este aspecto relaciona-se com o fato de que os conceitos científicos devem possuir uma referencia empírica final. A hipótese aplicável não pode conter julgamentos morais ou pregação moral.

5.4.2.3. A hipótese deve ser específica – Este aspecto se refere ao elemento de simplicidade da hipótese, em contrário as generalizações e abstrações exageradas.

5.4.2.4. A hipótese deve ser relacionada com as técnicas disponíveis – O pesquisador deve conhecer as técnicas existentes para verificar suas hipóteses. Hipóteses arrojadas são estímulos para criação de determinadas técnicas e obter resultados úteis.

5.4.2.5. A hipótese deve ser relacionada com uma teoria – O referencial teórico é, ao mesmo tempo, a fonte e a fronteira do campo hipotético. Quando a pesquisa é baseada na teoria tem mais probabilidade de apresentar uma genuína contribuição ao conhecimento. A hipótese deve ser construída para possuir uma importância teórica.

5.4.2.6. Uma hipótese deve ser plausível – Quer dizer que ela confronta o teste da possibilidade lógica. Isto depende aprofundamento da qualidade de pertença que o indivíduo demonstra em relação a determinado assunto, bem como da criatividade pessoal de cada pesquisador.

5.4.2.7. Uma hipótese deve ser significativa – Quando produz implicações importantes como estímulo para posterior pesquisa. Isto verifica quando a hipótese tem uma função unificadora, isto é, quando ela é capaz de dar elementos, ao cientista, de incorporar mais fatos num sistema, ou ordem, de explicação significativa. Deve provocar interesse a todos.

Resumindo: Hipótese é sinônimo de suposição. Neste sentido, Hipótese é uma afirmação categórica (uma suposição), que tente responder ao problema levantado no tema escolhido para pesquisa. É uma pré-solução para o problema levantado. O trabalho de pesquisa, então, irá confirmar ou negar a hipótese ou suposição levantada.

O simples fato de alguém conhecer as características operacionais e funcionais de uma hipótese, entretanto, não o capacita, por essa simples razão, a elaborar boas hipóteses. Somente a **vivência e prática** relacionadas à área de especialização do pesquisador poderão ensinar-lhe o funcionamento desse mecanismo. Com isto sugere-se que o pesquisador elabore uma lista de hipóteses sobre determinado problema de sua área de especialização, levando em conta os elementos já mencionados.

Exemplo: Em relação ao problema definido acima.

Hipótese: A sociedade patriarcal, representada pela força masculina, exclui as mulheres dos processos decisórios.

5.5 - Justificativa

A Justificativa num projeto de pesquisa, como o próprio nome indica, é o convencimento de que o trabalho de pesquisa é fundamental de ser efetivado. O tema escolhido pelo pesquisador e a hipótese levantada são de suma importância, para a sociedade ou para alguns indivíduos, de ser comprovada.

Deve-se tomar o cuidado, na elaboração da justificativa, de não se tentar justificar a hipótese levantada, ou seja, tentar responder ou concluir o que vai ser buscado no trabalho de pesquisa. A justificativa exalta a importância do tema a ser estudado, ou justifica a necessidade imperiosa de se levar a efeito tal empreendimento.

5.6 - Objetivos

A definição dos Objetivos determina o que o pesquisador quer atingir com a realização do trabalho de pesquisa. Objetivo é sinônimo de meta, fim.

Alguns autores separam os objetivos em objetivos gerais e objetivos específicos, mas não há regra a ser cumprida quanto a isto e outros autores consideram desnecessário dividir os objetivos em categorias.

Uma ajuda para se definir os objetivos é colocá-los começando com o verbo no infinitivo: esclarecer tal coisa; definir tal assunto; procurar aquilo; permitir aquilo outro, demonstrar alguma coisa etc..

5.7 - Metodologia

A Metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa.

É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista etc), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa.

5.8 - Cronograma

O Cronograma é a previsão de tempo que será gasto na realização do trabalho de acordo com as atividades a serem cumpridas. As atividades e os períodos serão definidos a partir das características de cada pesquisa e dos critérios determinados pelo autor do trabalho.

Os períodos podem estar divididos em dias, semanas, quinzenas, meses, bimestres, trimestres, etc.. e, serão determinados a partir dos critérios de tempo adotados por cada pesquisador.

CRONOGRAMA DA PESQUISA						
Item	Atividades	Semana 1	Semana 2	Semana 3	Semana 4	Semana 5
1	Levantamento Literatura	X				

2	Montagem do Projeto			X		
3	Coleta de Dados		X			
4	Tratamento de Dados			X		
5	Elaboração do Relatório Final				X	
6	Revisão do Texto				X	
7	Entrega do Trabalho					X

5.9 – Recursos

Normalmente as monografias, as dissertações e as teses acadêmicas não necessitam que sejam expressos os recursos financeiros. Os recursos, só serão incluídos quando o projeto for apresentado para uma instituição financiadora de Projetos de Pesquisa.

Os recursos financeiros podem estar divididos em Material Permanente, Material de Consumo e Pessoal, sendo que esta divisão vai ser definida a partir dos critérios de organização de cada um ou das exigências da instituição onde está sendo apresentado o Projeto.

5.9.1 - Material Permanente

São aqueles materiais que têm uma durabilidade prolongada.

Normalmente é definido como bens duráveis que não são consumidos durante a realização da pesquisa.

Ex.: Podem ser: geladeiras, ar refrigerado, computadores, impressoras etc.

ORÇAMENTO DE MATERIAL PERMANENTE				
I	DESCRIÇÃO	QU	CUSTO	CUSTO TOTAL EM
TEM		ANTIDAD	UNITARIO	R\$
		E		
0	Computador	1	1.700,0	1700,00
1			0	
0	Impressora	1	500,00	500,00
2				
0	Scanner	1	400,00	400,00
3				
0	Mesa Computador	1	300,00	300,00
4				
0	Geladeira	1	200,00	200,00
5				
	TOTAL		3.100,0	3.100,00
			0	

5.9.2 - Material de Consumo

São aqueles materiais que não têm uma durabilidade prolongada. Normalmente é definido como bens que são consumidos durante a realização da pesquisa.

Podem ser: papel, tinta para impressora, gasolina, material de limpeza, caneta etc.

ORÇAMENTO DE MATERIAL DE CONSUMO

I TEM	DESCRIÇÃO	QU ANTIDAD E	CUSTO UNITARIO	CUSTO TOTAL EM R\$
1	Caixa de Disquete	10	10,00	100,00
2	Papel A4 Resma	10	20,00	200,00
3	Cartuchos	10	65,00	650,00
4				
5				
	TOTAL			950,00

5.9.3 – Pessoal

É a relação de pagamento com pessoal, incluindo despesas com impostos.

ORÇAMENTO DE CUSTO DE PESSOAL				
I	DESCRIÇÃO	QU	CUSTO	CUSTO TOTAL EM
TEM		ANT.	UNITARIO	R\$
		MESES		
0	Estagiário	10	500,00	5.000,00
1	pesquisador			
0	Datilografo	10	200,00	2.000,00
2				
0	Revisor	10	2.000,0	2.000,00
3			0	
0	Encargos		4.000,0	4.000,00
4			0	
0				
5				
	TOTAL			13.000,00

5.10 - Anexos

Este item também só é incluído caso haja necessidade de juntar ao Projeto algum documento que venha dar algum tipo de esclarecimento ao texto. A inclusão, ou não, fica a critério do autor da pesquisa.

5.11 – Referências

As referências dos documentos consultados para a elaboração do Projeto é um item obrigatório. Nela normalmente constam os documentos e qualquer fonte de informação consultada no Levantamento de Literatura.

Exemplos para elaboração das Referências, segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT para elaboração das Referências estão expressas no Anexo 1 deste trabalho.

5.12 - Glossário

São as palavras de uso restrito ao trabalho de pesquisa ou pouco conhecidas pelo virtual leitor, acompanhadas de definição.

Também não é um item obrigatório. Sua inclusão fica a critério do autor da pesquisa, caso haja necessidade de explicar termos que possam gerar equívocos de interpretação por parte do leitor.

5.13 - Esquemas do Trabalho

Concluído o projeto, o pesquisador elaborará um Esquema do Trabalho que é uma espécie de esboço daquilo que ele pretende inserir no seu Relatório Final da pesquisa. O Esquema do Trabalho guia o pesquisador na elaboração do texto final. Por se tratar de um esboço este Esquema pode ser totalmente alterado durante o desenvolvimento do trabalho. Quando conseguimos dividir o tema genérico em pequenas partes ou itens, poderemos redigir sobre cada uma das partes, facilitando significativamente o desenvolvimento do texto.

Depois de concluída a pesquisa, este Esquema irá se tornar o Sumário do trabalho final.

Exemplo:

Título: Educação da Mulher: a perpetuação da injustiça.

1. INTRODUÇÃO

2. HISTÓRICO DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

3. O PODER DA RELIGIÃO

3.1 O mito de Lilith/Eva

3.2 O mito da Virgem Maria

4. O PROCESSO DE EDUCAÇÃO

5. O PAPEL DA MULHER NA FAMÍLIA

5.1 A questão da maternidade

5.2 Direitos e deveres

5.3 A moral da família

5.4 Casamentos: um bom negócio

5.5 A violência

6. UM CAPÍTULO MASCULINO

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.14 - Resumindo

Um projeto de pesquisa, então deveria ter as seguintes características:

1 - **Introdução** (obrigatório)

2 - **Levantamentos de Literatura** (obrigatório)

3 - **Problema** (obrigatório)

4 - **Hipótese** (obrigatório)

5 - **Objetivos** (obrigatório)

6 - **Justificativa** (obrigatório)

7 - **Metodologia** (obrigatório)

8 - **Cronograma** (se achar necessário)

9 - **Recursos** (se achar necessário)

10 - **Anexos** (se achar necessário)

11 - **Referências** (obrigatório)

12 - **Glossário** (se achar necessário)

Observação: O documento final do Projeto de Pesquisa deve conter:

1. Capa ou Falsa Folha de Rosto (obrigatório);
2. Folha de Rosto (obrigatório);
3. Sumário (obrigatório);
4. Texto do projeto (baseado nas características enunciadas acima) (obrigatório);
5. Referencias (Obrigatório)
6. Capa (se quiser).

6 - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

6.1 - Questionário

- O Questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. Se sua confecção é feita pelo pesquisador, seu preenchimento é realizado pelo informante.

- A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. Não é recomendado o uso de gírias, a não ser que se faça necessário por necessidade de características de linguagem do grupo (grupo de surfistas, por exemplo)

- Todo questionário a ser enviado deve passar por uma etapa de pré-teste, num universo reduzido, para que se possam corrigir eventuais erros de formulação.

6.1.1 - Conteúdo de um questionário:

6.1.1.1 – Carta Explicação

A Carta Explicação deve conter:

- A proposta da pesquisa;
- Instruções de preenchimento;
- Instruções para devolução;
- Incentivo para o preenchimento e;
- Agradecimento.

6.1.1.2 – Itens de Identificação do Respondente

- Para que as respostas possam ter maior significação é interessante não identificar diretamente o respondente com perguntas do tipo NOME, ENDEREÇO, TELEFONE etc., a não ser que haja extrema necessidade, como para selecionar alguns questionários para uma posterior entrevista (trataremos das técnicas de entrevistas posteriormente).

A criação dos itens formulário segue as regras abaixo.

6.1.1.3 – Itens sobre as questões a serem pesquisadas.

6.1.1.3.1 – Formulário de itens sim-não, certo-errado e verdadeiro-falso;

Ex.: Trabalha? () Sim () Não

6.1.1.3.2 – Respostas livres, abertas ou curtas:

Ex.: Bairro onde mora: _____

6.1.1.3.3 – Formulário de múltipla escolha;

Ex.: Renda Familiar:

- () Menos de 1 salário mínimo
- () 1 a 3 salários mínimos
- () 4 a 6 salários mínimos
- () 7 a 11 salários mínimos
- () Mais de 11 salários mínimos

6.1.1.3.4 – Questões mistas.

Ex.: Quem financia seus estudos?

- () Pai ou mãe
- () Outro parente
- () Outra pessoa
- () O próprio aluno

Outro: _____

6.2 - Entrevista

Observações iniciais:

- É necessário ter um plano para a entrevista para que no momento em que ela esteja sendo realizada, as informações necessárias não deixem de ser colhidas.

- As entrevistas podem ter o caráter exploratório ou ser de coleta de informações. Se a de caráter exploratório é relativamente estruturada, a de coleta de informações é altamente estruturada.

6.2.1 - Sugestões de planejamento

6.2.1.1 – Quem deve ser entrevistado - Procure selecionar pessoas que realmente têm o conhecimento necessário para satisfazer suas necessidades de informação.

6.2.1.2 – Plano da entrevista e questões a serem perguntadas - Prepare com antecedência as perguntas a serem feitas ao entrevistado e a ordem em que elas devem acontecer.

6.2.1.3 – Pré-teste - Procure realizar uma entrevista com alguém que poderá fazer uma crítica de sua postura antes de se encontrar com o entrevistado de sua escolha.

6.2.1.4 – Diante do entrevistado - Estabeleça uma relação amistosa e não trave um debate de idéias.

- Não demonstre insegurança ou admiração excessiva diante do entrevistado para que isto não venha prejudicar a relação entre entrevistador e entrevistado.

- Deixe que as questões surjam naturalmente, evitando que a entrevista assuma um caráter de uma inquisição ou de um interrogatório policial, ou ainda que a entrevista se torne um "questionário oral".

- Seja objetivo, já que entrevistas muito longas podem se tornar cansativas para o entrevistado.

- Procure encorajar o entrevistado para as respostas, evitando que ele se sinta falando sozinho.

- Vá anotando as informações do entrevistado, sem deixar que ele fique esperando sua próxima indagação, enquanto você escreve.

- Caso use um gravador, não deixe de pedir sua permissão para tal.

Lembramos que o uso do gravador pode inibir o entrevistado.

6.2.1.5 – Relatório

Mesmo tendo gravado procure fazer um relatório o mais cedo possível.

6.3 - Observação

6.3.1 - Sugestões para uma observação

6.3.1.1 – Conhecimento prévio do que observar - Antes de iniciar o processo de observação, procure examinar o local. Determine que tipos de fenômenos merecerão registros.

6.3.1.2 – Planejamento de um método de registro - Crie, com antecedência, uma espécie de lista ou mapa de registro de fenômenos. Procure estipular algumas categorias dignas de observação.

6.3.1.3 – Fenômenos não esperados - Esteja preparado para o registro de fenômenos que surjam durante a observação, que não eram esperados no seu planejamento.

6.3.1.4 – Registro fotográfico ou vídeo - Para realizar registros iconográficos (fotografias, filmes, vídeos etc.), caso o objeto de sua observação sejam indivíduos ou grupos de pessoas, prepare-os para tal ação. Eles não devem ser pegos de surpresa.

6.3.1.5 – Relatório - Procure fazer um relatório o mais cedo possível.

6.4 - Análise de Conteúdo

Os documentos como fonte de pesquisa podem ser primárias ou secundárias.

As fontes primárias são os documentos que gerarão análises para posterior criação de informações. Podem ser decretos oficiais, fotografias, cartas, artigos etc.

As fontes secundárias são as obras nas quais as informações já foram elaboradas (livros, apostilas, teses, monografias etc., por exemplo).

Sugestões para análise de documentos:

a - Locais de coletas: Determine com antecedência que bibliotecas, agências governamentais ou particulares, instituições, indivíduos ou acervos deverão ser procurados.

b - Registro de documentos: Esteja preparado para copiar os documentos, seja através de xerox, fotografias ou outro meio qualquer.

c - Organização: Separe os documentos recolhidos de acordo com os critérios de sua pesquisa.

6.4.1 - A Internet

A Internet representa uma novidade nos meios de pesquisa. Trata-se de uma rede mundial de comunicação via computador, onde as informações são trocadas livremente entre todos.

Sem dúvida, a Internet representa uma revolução no que concerne à troca de informação. A partir dela, todos podem informar a todos. Mas, se ela pode facilitar a busca e a coleta de dados, ao mesmo tempo oferece alguns perigos; na verdade, as informações passadas por essa rede não têm critérios de manutenção de qualidade da informação.

Explicando melhor: qualquer um pode colocar sua "Homepage" (ou sua Página) na rede. Vamos supor que um indivíduo coloque sua página na "net" (rede) e o objetivo desta página seja falar sobre a História do Brasil: ele pode perfeitamente, sem que ninguém o impeça, dizer que o Brasil foi descoberto "por Diogo da Silva, no ano de 1325". Sendo assim, devemos levar em conta que toda e qualquer informação colhida na Internet deverá ser confirmada antes de divulgada.

6.4.2 - Fichamentos

O Fichamento é uma parte importante na organização para a efetivação da pesquisa de documentos. Ele permite um fácil acesso aos dados fundamentais para a conclusão do trabalho.

Os registros e a organização das fichas dependerão da capacidade de organização de cada um. Os registros não são feitos necessariamente nas tradicionais folhas pequenas de cartolina pautada. Pode ser feita em folhas de papel comum ou, mais modernamente, em qualquer programa de banco de dados de um computador. O importante é que elas estejam bem organizadas e de acesso fácil para que os dados não se percam.

Existem três tipos básicos de fichamentos:

- 1) fichamento bibliográfico,
- 2) fichamento de resumo ou conteúdo e,
- 3) fichamento de citações.

6.4.2.1 - Ficha Bibliográfica:

É a descrição, com comentários, dos tópicos abordados em uma obra inteira ou parte dela

Exemplo:

Educação da Mulher: a Perpetuação da Injustiça (1)

Histórico do Papel da Mulher na Sociedade (2).....

(3) 2. (4)

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São

Paulo: Brasiliense, 1993. 181 p.

(Tudo é História, 145)

Inserir-se no campo do estudo da História e da Antropologia Social.

A autora se utiliza de fontes secundárias, colhidas através de livros, revistas e depoimentos. A abordagem é descritiva e analítica. Aborda os aspectos históricos da condição feminina no Brasil a partir do ano 1500 de nossa era. Além da evolução histórica da condição feminina, a autora desenvolve alguns

tópicos específicos da luta das mulheres pela condição cidadã. Conclui fazendo uma análise de cada etapa da evolução histórica feminina, deixando expressa sua contradição ao movimento pós-feminista, principalmente às idéias de Camile Paglia. No final da obra faz algumas indicações de leituras sobre o tema Mulher. (5)

Observação: Neste e nos outros exemplos de Fichas os números entre parênteses representam o que está explicado abaixo:

- (1) - Título do trabalho(*).
- (2) - Seção primária do trabalho(*).
- (3) - Seção secundária e terciária do trabalho, se houver(*).
- (4) - Numeração do item a que se refere o fichamento(*).
- (5) - Comentários ou anotações do pesquisador sobre a obra registrada.

(*) Conforme expresso no exemplo do item 5.13

6.4.2.2 - Ficha de Resumo ou Conteúdo:

É uma síntese das principais idéias contidas na obra. O pesquisador elabora esta síntese com suas próprias palavras, não sendo necessário seguir a estrutura da obra.

Exemplo:

Educação da Mulher: a Perpetuação da Injustiça

Histórico do Papel da Mulher na sociedade..... 2.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993. 181 p. (Tudo é História, 145)

O trabalho da autora baseia-se em análise de textos e na sua própria vivência nos movimentos feministas, como um relato de uma prática.

A autora divide seu texto em fases históricas compreendidas entre Brasil Colônia (1500-1822), Império (1822-1889), República (1889-1930), Segunda República (1930-1964), Terceira República e o Golpe (1964-1985), o ano de 1968, Ano Internacional da Mulher (1975), além de analisar a influência

externa nos movimentos feministas no Brasil. Em cada um desses períodos é lembrado os nomes das mulheres que mais se sobressaíram e suas atuações nas lutas pela libertação da mulher.

A autora trabalha ainda assuntos como as mulheres da periferia de São Paulo, a participação das mulheres na luta armada, a luta por creches, violência, participação das mulheres na vida sindical e greves, o trabalho rural, saúde, sexualidade e encontros feministas.

Depois de suas conclusões onde, entre outros assuntos tratados, faz uma crítica ao pós-feminismo defendido por Camile Paglia, indica alguns livros para leitura.

Observação: Existem dois tipos de resumos:

a) Informativo:

São as informações específicas contidas no documento.

Nesta ficha pode-se relatar sobre objetivos, métodos, resultados e conclusões. Sua precisão pode substituir a leitura do documento original.

b) Indicativo:

São descrições gerais do documento, sem entrar em detalhes da obra analisada (o exemplo acima refere-se a um resumo indicativo).

6.4.2.3 - Ficha de Citações:

É a reprodução fiel das frases que se pretende usar como citação na redação do trabalho.

Exemplo:

Educação da Mulher: a Perpetuação da Injustiça

Histórico do Papel da Mulher na Sociedade

.....

2. TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993. 181 p.

(Tudo é História, 145)

"Uma das primeiras feministas do Brasil, Nísia Floresta Brasileira Augusta, defendeu a abolição da escravatura, ao lado de propostas como a educação e a emancipação da mulher e a instauração da República." (p. 30)

"Sou neta, sobrinha e irmã de general" (...) "Aqui nesta casa foi fundada a Camde. Meu irmão, Antônio Mendonça Molina, vinha trabalhando há muito tempo no Serviço Secreto do Exército contra os comunistas. Nesse dia, 12 de junho de 1962, eu tinha reunido aqui alguns vizinhos, 22 famílias ao todo. Era parte de um trabalho meu para a Igreja... . Nesse dia o líder religioso disse assim: 'Mas a coisa está preta. Isso tudo não adianta nada porque a coisa está muito ruim e eu acho que se as mulheres não se meterem, nós estaremos perdidos. A mulher deve ser obediente. Ela é intuitiva, enquanto o homem é objetivo'." (Amélia Molina Bastos apud Teles, p. 54)

"Na Justiça brasileira, é comum os assassinos de mulheres serem absolvidos sob a alegação de defesa de honra." (p. 132)

7 - ESTRUTURA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO RESUMIDA

ESTRUTURA DE UM TRABALHO - Estrutura/Elemento

Pré-textuais

- capa (*)
 - folha de rosto
 - folha de aprovação
 - dedicatória (*)
 - agradecimentos (*)
 - epígrafe (*)
 - resumo em língua portuguesa
 - resumo em língua estrangeira
 - lista de ilustrações (*)
 - lista de tabelas (*)
 - lista de abreviações e siglas (*)
 - sumário

Textuais

- introdução
 - desenvolvimento
 - conclusão

Pós-textuais - referências

- glossário (*)
- anexos ou apêndices (*)

(*) - Elementos adicionados de acordo com as necessidades (opcionais). Os demais elementos são obrigatórios.

MODELO DE ESTRUTURA DE UM TRABALHO COMPLETO

7.1 - Capa

Deve conter:

- Instituição onde o trabalho foi executado (opcional)
- Nome do autor
- Título (e subtítulo, se houver) do trabalho
- Se houver mais de um volume, a especificação do respectivo volume
- Cidade e ano de conclusão do trabalho

OBSERVAÇÃO: A Associação Brasileira de Normas Técnicas não determina a disposição destes dados na folha. Esta distribuição deve ser definida pelo professor ou pela Instituição, para uniformização de seus trabalhos acadêmicos.

José Luiz ...
Educação da Mulher: a perpetuação da injustiça
UNIVERSIDADE .. Rio de Janeiro – 20..

Modelo de uma Capa

7.2 - Folha de Rosto

Deve conter:

- As mesmas informações contidas na Capa
- As informações essenciais da origem do trabalho

José Luiz...

Educação da Mulher: a perpetuação da injustiça

Monografia apresentada, como pré-requisito de conclusão do curso de Pedagogia, com habilitação em Gestão Escolar, ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Faculdade de Educação, da Universidade Veiga de Almeida, orientada pela Profa. Maria da Silva.

UNIVERSIDADE ...

Rio de Janeiro – 20..

Modelo de uma Folha de Rosto

Exemplos de informações essenciais sobre a origem do trabalho:

Trabalho apresentado para avaliação do rendimento escolar na disciplina de Metodologia Científica, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ministrada pelo professor João da Silva.

Monografia apresentada como pré-requisito de conclusão do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Espírito Santo, tendo como orientadora a professora Maria da Silva.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro Pedagógico, da Universidade Federal do Espírito Santo, como pré-requisito de conclusão do curso de Mestrado em Educação, tendo como orientadora a professora Isa Chiabai.

7.3 - Folha de aprovação

Deve conter:

- Nome do autor
- Título (e subtítulo, se houver) do trabalho
- Natureza
- Objetivos
- Nome da instituição
- Área de concentração
- Data da aprovação
- Nome, titulação, assinatura dos componentes da banca e as instituições a que fazem parte.

José Luiz ..

Educação da Mulher: a perpetuação da injustiça

Objetivo: Desvelar a forma pela qual é oferecida a educação ao sexo feminino.

UNIVERSIDADE ...

Curso de Pedagogia, com habilitação em Educação Infantil.

Data de aprovação: __ de _____ de 20__

Prof. José da Silva: _____

Mestre em Educação, Universidade ...

Profa. Maria dos Santos: _____

Doutora em Educação, Universidade ...

Prof. João Machado: _____

Doutor em Educação, Universidade ...

Modelo de folha de aprovação

7.4 - Dedicatória

- Tem a finalidade de se dedicar o trabalho a alguém, como uma homenagem de gratidão especial. Este item é dispensável.

7.5 - Agradecimento

- É a revelação de gratidão àqueles que contribuíram na elaboração do trabalho. Também é um item dispensável.

7.6 - Epígrafe

- É a citação de uma frase de algum autor que expresse, de forma consistente, o conteúdo do trabalho. A localização fica a critério da estética do autor do trabalho. Deve vir acompanhada do nome do autor da frase. Podem estar localizadas também nas folhas de abertura das seções primárias. É um item dispensável.

7.7 - Resumo em Língua Portuguesa

- Texto (e não tópicos) que represente um resumo conciso do trabalho. Não deve ultrapassar 500 palavras. É um item obrigatório.

7.8 - Resumo em Língua Estrangeira

- Tradução, para o inglês, espanhol ou francês, do resumo em língua portuguesa. É um item obrigatório.

7.9 - Lista de Ilustrações

- Apresentada na ordem em que aparece no trabalho, com o nome da ilustração e a página onde se encontra. Caso haja mais de um tipo pode ser apresentado separadamente (fotografias, gráficos, tabelas etc.). É um item opcional.

7.10 - Lista de Abreviações e Siglas

- Abreviações e siglas apresentadas no texto, apresentada em ordem alfabética. É um item opcional.

Exemplo:

ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ANDIFES - Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior.

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

APM - Associação de Pais e Mestres.

7.11 - Sumário

- "Enumeração das principais divisões, seções e outras partes de um documento, na mesma ordem em que a matéria nele se sucede" (NBR 6027).

- O título de cada seção deve ser datilografado com o mesmo tipo de letra em que aparece no corpo do texto.

- A indicação das páginas localiza-se à direita de cada seção.

7.11.1 - Divisão de um Sumário

1 - SEÇÃO PRIMÁRIA

1.1 - SEÇÃO SECUNDÁRIA

1.1.1 - Seção Terciária

1.1.1.1. - Seção Quaternária

1.1.1.1.1 - Seção Quinária

2 - SEÇÃO PRIMÁRIA

a) alínea ou item

b) alínea ou item

c) alínea ou item

3 - SEÇÃO PRIMÁRIA

a) I Inciso

II ... Inciso

b) I Inciso

II ... Inciso

4 - SEÇÃO PRIMÁRIA

7.12 - Texto

- É a parte onde todo o trabalho de pesquisa é apresentado e desenvolvido.

- O texto deve expor um raciocínio lógico, ser bem estruturado, com o uso de uma linguagem simples, clara e objetiva.

7.12.1 - Introdução

- Na introdução, o tema é apresentado e esclarecido aos leitores as indicações de leitura do trabalho.

7.12.2 - Desenvolvimento do Texto

- O corpo do trabalho é onde o tema é discutido pelo autor.

- As hipóteses a serem testadas devem ser claras e objetivas.

- Devem ser apresentados os objetivos do trabalho.

- A revisão de literatura deve resumir as obras já trabalhadas sobre o mesmo assunto.

- Deve-se mencionar a importância do trabalho, justificando sua imperiosa necessidade de se realizar tal empreendimento.

- Deve ser bem explicada toda a metodologia adotada para se chegar às conclusões.

7.12.3 - Conclusão

- A conclusão é a parte onde o autor se coloca com liberdade científica, avaliando os resultados obtidos e propondo soluções e aplicações práticas.

7.13 - Anexos

- É todo material suplementar de sustentação ao texto (itens do questionário aplicado, roteiro de entrevista ou observação, uma lei discutida no corpo do texto etc.).

7.14 - Referências (NBR 6023)

É o conjunto de indicações que possibilitam a identificação de documentos, publicações, no todo ou em parte. Os exemplos estão expressos no Anexo 1 .

7.15 - Glossário

- É a explicação dos termos técnicos, verbetes ou expressões que constem do texto. Sua colocação é opcional.

8 - ORGANIZAÇÃO DO CORPO DO TEXTO

8.1 - Citações (NBR 10520)

- Quando se quer transcrever o que um autor escreveu.

8.1.1 - Citação Direta

a) - Citação Direta Curta (NBR 12256) (com menos de 3 linhas) - Deve ser feita na continuação do texto, entre aspas.

Ex.: Maria Ortiz, moradora da Ladeira do Pelourinho, em Salvador, que de sua janela jogou água fervendo nos invasores holandeses, incentivando os homens a continuarem a luta. Detalhe pitoresco é que na hora do almoço, enquanto os maridos comiam, as mulheres lutavam em seu lugar. Este fato levou os europeus a acreditarem que "o baiano ao meio dia vira mulher" (MOTT, 1988, p. 13).

Obs.: MOTT - autor que faz a citação.

1988 - o ano de publicação da obra deste autor na bibliografia.

p. 13 - refere-se ao número da página onde o autor fez a citação (NBR 10520).

b) - Citação Direta Longa (com 3 linhas ou mais) - As margens são recuadas à direita em 4 cm, em espaço um (1) (O texto deve ser digitado em espaço 1,5), com a letra menor que a utilizada no texto e sem aspas (NBR 10520, item 4.4).

Ex.: Além disso, a qualidade do ensino fornecido era duvidosa, uma vez que as mulheres que o ministravam não estavam preparadas para exercer tal função.

A maior dificuldade de aplicação da lei de 1827 residiu no provimento das cadeiras das escolas femininas. Não obstante sobressaírem as mulheres no ensino das prendas domésticas, as poucas que se apresentavam para reger uma classe dominavam tão mal aquilo que deveriam ensinar que não logravam êxito em transmitir seus exíguos conhecimentos. Se os próprios homens, aos quais o acesso à

instrução era muito mais fácil, se revelavam incapazes de ministrar o ensino de primeiras letras, lastimável era o nível do ensino nas escolas femininas, cujas mestras estiveram sempre mais ou menos marginalizadas do saber (Saffioti, 197, p. 193).

8.1.2 - Citação de Citação

- É a citação feita por outro pesquisador.

Ex.: O Imperador Napoleão Bonaparte dizia que "as mulheres nada mais são do que máquinas de fazer filhos" (apud LOI, 1988, p. 35).

Obs.: apud = citado por.

8.1.3 - Citação Indireta

- É a citação de um texto, escrito por um outro autor, sem alterar as idéias originais. Ou então: eu reproduzo sem distorcer, com minhas próprias palavras, as idéias desenvolvidas por um outro autor. (Pode ser chamada também de paráfrase).

Ex.: Somente em 15 de outubro de 1827, depois de longa luta, foi concedido às mulheres o direito à educação primária, mas mesmo assim, o ensino da aritmética nas escolas de meninas ficou restrito às quatro operações. Note-se que o ensino da geometria era limitado às escolas de meninos, caracterizando uma diferenciação curricular (COSENZA, 1993, p. 6).

8.2 - Localização das Citações

a) No texto

- A citação vem logo após o texto, conforme nos exemplos acima.

b) Em nota de rodapé

- No rodapé da página onde aparece a citação. Neste caso coloca-se um número ou um asterisco sobrescrito que deverá ser repetido no rodapé da página.

c) no final de cada parte ou capítulo

- As citações aparecem em forma de notas no final do capítulo. Devem ser numeradas em ordem crescente.

d) No final do trabalho

- Todas as citações aparecem no final do trabalho listadas em ordem numérica crescente, no todo ou por capítulo.

8.3 - Paginação

A Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT assim define a paginação dos trabalhos:

Todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas sequencialmente, mas não numeradas. A numeração é colocada, a partir da primeira folha da parte textual, em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior, ficando o último algarismo a 2 cm da borda direita da folha. No caso de o trabalho ser constituído de mais de um volume, deve ser mantida uma única sequência de numeração das folhas, do primeiro ao último volume. Havendo apêndice e anexo, as suas folhas devem ser numeradas de maneira contínua e sua paginação deve dar seguimento ao texto principal (NBR 14724, item 5.4).

8.4 - Formato

1 - Papel formato A-4 (210 X 297 mm) - branco

2 - Margens de:

3,0 cm na parte superior

2,0 cm na inferior

Obs.: em algumas impressoras não é impressa a última linha, quando configurada para 2 cm na margem inferior. Neste caso não há problema em configurar a margem inferior da página em 2,5 cm., 3,0 cm no lado esquerdo e 2,0 cm no lado direito

3 - Corpo da letra: 12

4 - Tipo da letra: Times News Roman (em computador)

5 - Espaço entrelinhas: 1,5

Obs: Não esquecer que o espaço entrelinhas em uma citação longa (mais de três linhas) deve ter espaço entrelinhas simples.

9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSENZA, Gilse. Universitárias. Revista Presença Mulher, São Paulo, v. 6, n. 24, p. 6-7, jan./fev./mar., 1993.

GALLIANO, A. Guilherme. O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986. 200 p.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 107 p.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 231 p.

LOI, Isidoro. A mulher. São Paulo: Jabuti, 1988. 53 p.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão. São Paulo: Contexto, 1988. 86 p.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classe: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976. 383 p.

VERA, Armando Asti. Metodologia da pesquisa científica. Porto Alegre: Globo, 1976.

ANEXO 1

1 - Alguns exemplos de elaboração de referências de fontes

1.1 - Referências de Livros

a - Autor (ou coordenador, ou organizador, ou editor) - Escreve-se primeiro o sobrenome paterno do autor, em caixa alta, e, a seguir, o restante do nome, após uma separação por vírgulas.

b - Título e subtítulo - O título deve ser realçado por negrito, itálico ou sublinhado.

c - Número da edição (a partir da segunda edição) - Não se usa o sinal de decimal (a).

d - Local da publicação - É o nome da CIDADE onde a obra foi editada e, após a referência de local deve, ser grafado dois pontos (:). Não se coloca estado ou país.

e - Editora - Só se coloca o nome da editora. Não se coloca a palavra Editora, Ltda, ou S.A. etc. Por exemplo: da Editora Ática Ltda, colocar-se-ia apenas Ática.

f - Ano da publicação - É o ano em que a obra foi editada.

g - Número de volumes (se houver)

h - Paginação - Quantidade de páginas da obra.

i - Nome da série, número da publicação na série (entre parênteses)

Obs.: a) O alinhamento deve estar todo à esquerda da referência.

b) Em obras avulsas são usadas as seguintes abreviaturas:

org. ou orgs. = organizador(es)

ed. ou eds. - editor(es)

coord. ou coords. - coordenador(es)

Exemplos:

Autor pessoa física:

LIMA, Adriana Flávia Santos de Oliveira. Pré-escola e alfabetização: uma proposta baseada em Paulo Freire e Jean Piaget. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

228 p.

JAPIASSU, Hilton F.. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Até três autores:

COSTA, Maria Aída B., JACCOUD, Vera, COSTA, Beatriz. MEB: uma história de muitos. Petrópolis: Vozes, 1986. 125 p. (Cadernos de Educação Popular, 10).

Obs.: no exemplo acima o livro pertence a uma coleção.

"(Cadernos de Educação Popular, 10)", quer dizer que o nome da coleção é "Cadernos de Educação Popular" e o número desta obra na coleção é 10.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 231 p.

Mais de três autores:

OLIVEIRA, Armando Serafim et al. Introdução ao pensamento filosófico. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1985. 211 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989. 287 p.

Obs.: et al. (et alli) quer dizer e outros.

Repetição de nome do autor:

LIMA, Adriana Flávia Santos de Oliveira. Pré-escola e alfabetização: uma proposta baseada em Paulo Freire e Jean Piaget. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

228 p.

_____. Avaliação escolar: julgamento e construção. Petrópolis: Vozes, 1994.

168 p.

Obs.: Quando o autor é repetido várias vezes pode ser substituído por um traço (equivalente a seis espaços) e um ponto. Caso haja mudança de página o nome do autor volta a ser digitado por extenso. Digita-se também por extenso se o autor referenciado anteriormente for co-autor da obra seguinte.

Sem nome do autor:

O pensamento vivo de Nietzsche. São Paulo: Martin Claret, 1991. 110 p.

Dissertação / Tese:

BELLO, José Luiz de Paiva. Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro. Vitória, 1995. 210 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, Universidade Federal do Espírito Santo, 1995.

Autor corporativo:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE-UFES. Avaliação educacional: necessidades e tendências. Vitória, PPGE/UFES, 1984. 143 p.

Referência de parte de uma obra:

O autor do capítulo citado é também autor da obra:

LIMA, Lauro de Oliveira. Ativação dos processos didáticos na escola secundária.

Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976. cap. 12, p. 213-234 In: A escola secundária moderna: organização, métodos e processos.

O autor do capítulo citado não é o autor da obra:

HORTA, José Silvério Baía. Planejamento educacional. In: MENDES, Dumerval

Trigueiro (org.). Filosofia da Educação Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 195-239.

1.2 - Artigos de revistas ou jornais

a - Autor(es) do artigo:

b - Título do artigo:

c - Título da revista:

d - Local da publicação:

e - Editor:

f - Indicação do volume:

g - Indicação do número ou fascículo:

h - Indicação de página inicial e final do artigo:

i - Data:

Exemplos:

Artigo de um autor:

BORTOLETTO, Marisa Cintra. O que é ser mãe? A evolução da condição feminina na maternidade através dos tempos. *Viver Psicologia*, São Paulo, v. I, n. 3, p. 25-27, out. 1992.

Obs.: no caso de mais de um autor, segue-se a mesma regra das referências dos livros.

Artigo não assinado (sem nome de autor):

A ENERGIA dual indígena no mundo dos Aymara (Andes do Peru e Bolívia).
Mensageiro, Belém, n. 63, p. 35-37, abr./maio/jun., 1990.

Obs.: escreve-se em maiúscula até a primeira palavra significativa do título.

Artigo de jornal assinado:

DINIZ, Leila. Leila Diniz, uma mulher solar. Entrevista concedida ao Pasquim.
Almanaque Pasquim, Rio de Janeiro, n. especial, p. 10-17, jul. 1982.

Artigo de jornal não assinado (sem nome de autor):

MULHERES têm que seguir código rígido. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 caderno, p. 40, 31 jan. 1993.

Obs: a referência de mês é reduzida a apenas três letras e um ponto. O mês de janeiro ficaria sendo jan., o de fevereiro fev. etc., com exceção do mês de maio que se escreve com todas as letras (maio) e sem o ponto. (veja o exemplo em artigo não assinado).

1.3 - Publicações Periódicas

Coleções inteiras:

EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS. São Paulo: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1956-

Obs.: todas as revistas sob este título foram consultadas.

Somente uma parte de uma coleção:

FORUM EDUCACIONAL. Teorias da aprendizagem. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.13, n.1/2, fev./maio 1989.

Obs.: esta citação indica que a revista inteira foi consultada.

Decretos-Leis, Portarias etc.:

BRASIL. Decreto 93.935, de 15 de janeiro de 1987. Promulga a convenção sobre conservação dos recursos vivos marinhos antárticos. Diário Oficial (da República Federativa do Brasil), Brasília, v. 125, n. 9, p. 793-799, 16 de jan. 1987.

Seção 1, pt. 1.

Pareceres, Resoluções etc:

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer n. 1.406 de 5 out. 1979. Consulta sobre o plano de aperfeiçoamento médico a cargo do Hospital dos Servidores de São Paulo.

Relator: Antônio Paes de Carvalho. Documenta, n. 227, p. 217-220, out. 1979.

Trabalho publicado em anais de congresso e outros eventos:

CHAVES, Antônio. Publicação, reprodução, execução: direitos autorais. In: Congresso Brasileiro de Publicações, 1., São Paulo, 5 a 10 de jul. 1981. Anais do I Congresso de Publicações. São Paulo: FEBAP, 1981. p. 11-29.

Anais de congresso no todo:

SEMINÁRIO DO PROJETO EDUCAÇÃO, 5., 24 out. 1996, Rio de Janeiro. Anais do V Seminário do Projeto Educação. Rio de Janeiro: Forum de Ciência e Cultura-UFRJ, 1996.

1.4 - Obras de Referência

Dicionário:

Educação. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 185.

Enciclopédia:

Divórcio. In: Enciclopédia Saraiva de Direito. São Paulo: Saraiva, 1977. v. 29, p. 107-162.

Anuário:

Matrícula nos cursos de graduação em universidades e estabelecimentos isolados, por áreas de ensino, segundo as universidades da Federação - 1978-80. In: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, 1982. Seção 2, cap. 17, p. 230: Ensino.

1.5 - Internet

Exemplo de referência desta página sobre Metodologia Científica, do "site" Pedagogia em Foco:

BELLO, José Luiz de Paiva. Estrutura e apresentação do trabalho. In: Pedagogia em Foco, Metodologia Científica. 1998. Atualizada em: 14 fev. 2004. Acesso em: 21 fev. 2004. Disponível em <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met07.htm>>.

BARBOSA, Lucia Martins et al. A representação social do professor sob o ponto de vista do aluno. Revista Aprender Virtual, Marília, dez. 2003.
Disponível em: . Acesso em: 2 fev. 2004.

1.6 - Imagem em movimento

CIDADE de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Andréa Barata Ribeiro e Maurício Andrade Ramos. Intérpretes: Matheus Nachtergaele; Alexandre Rodrigues; Leandro Firmino da Hora; Jonathan Haagensen; Phellipe Haagensen; Douglas Silva; Daniel Zettel; Seu Jorge. Roteiro: Bráulio Mantovani. [S.l.]: O2 Filmes; Videofilmes "Cidade de Deus", 2003. 1 CD (130 min), son., color.; DVD.

A MISSÃO. Direção: Roland Joffé. Produção: David Putnam. Intérpretes: Jeremy Irons; Robert de Niro; Liam Neeson; Aidan Quinn. Roteiro: Robert Bold. Trilha sonora: Ennio Morricone. [S.l.]: Goldcrest Films, 1986. 1 DVD (121 min), son.,color.

1.7 - Mídia eletrônica

BURGIERMAN, Denis Russo. O outro lado do Nobel. Super Interessante. n. 171, p. 51-55, São Paulo: Abril, dez. 2001. disco 6, 1 CD-ROM.

ANEXO 2

2 - Sugestões de Leitura

BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968. 151 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 12).

BARROS, A. J. P., LEHFELD, N.A.S.. Fundamentos de metodologia. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1986.

BASTOS, Lília da Rocha, PAIXÃO, Lyra, FERNANDES, Lucia Monteiro. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.) Pesquisa participante. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 211 p.

CASTRO, Cláudio Moura. A prática da pesquisa. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

_____. Estrutura e apresentação de publicações. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

COSTA, Antônio Fernando Gomes da. Guia para elaboração de relatórios de pesquisa: monografia. 2. ed. Rio de Janeiro: UNITEC. 1998. 218 p.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 2. ed. São Paulo: Atlas. 1989. 287 p.

DIXON, B. Para que serve a ciência? São Paulo: Nacional, 1976.

ECO, Umberto. As formas do conteúdo. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FERRARI, Alfonso Trijillo. Metodologia da ciência. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

_____. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1973.

GALLIANO, A. Guilherme. O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986. 200 p.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 107 p.

GOOD, Willian Josian, HATT, Paul M. Métodos de pesquisa social. São Paulo: Nacional, 1977.

GRESSLER, L. A.. Pesquisa educacional. São Paulo: Loyola, 1983.

HARRÉ, R. (org.) Problemas da revolução científica. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

IBGE. Normas de apresentação tabular. Rio de Janeiro, 1979. 22 p.

JAPIASSU, Hilton F.. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KERLINGER, F. N.. Metodologia das ciências sociais. São Paulo: Edusp, 1980.

KNELLER, G. F.. A ciência como atividade humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KOURGANOFF, V.. A pesquisa científica. São Paulo: Difel, 1961.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 231 p.

_____. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1982.

LAMBERT, K., BRITTAN, G. G.. Introdução à filosofia da ciência. São Paulo: Cultrix, 1972.

LEITE, José Alfredo Américo. Metodologia da elaboração de teses. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A.. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MORGENBESSER, S. (org.) Filosofia da ciência. São Paulo: Cultrix, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A gaia ciência. São Paulo: Ediouro. [198?]. 221 p.

PIAGET, Jean, GARCIA, Rolando. Psicogênese e história das ciências. Lisboa: Dom Quixote, 1987. 251 p.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Normas para apresentação de teses e dissertações. Rio de Janeiro, Coordenação Central de Pós-Graduação e Pesquisa - PUC-/RJ.1980.

REY, Luiz. Planejar e redigir trabalhos científicos. São Paulo: Edgar Blucher/Fundação Oswaldo Cruz, 1987.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989. 287 p.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1988. 183 p.

SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia: elementos de metodologia de trabalhos científicos. Belo Horizonte: Interlivros, 1974.

SALVADOR, Angelo Domingos. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre: Sulina, 1977.

SCHWARTZMAN, Simon. Ciência, universidade e ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SCHIRM, Helena, OTTONI, Maria Cecília Rubinger de, MONTANARI, Rosana Velloso.

Citações e notas de rodapé: contribuição à sua apresentação em trabalhos técnico-científicos. Revista da Escola de Biblioteconomia. UFMG, v.18, n.1, p. 116-140, mar. 1989.

SCHMIDT, Susana. Sistematização no uso de notas de rodapé e citações bibliográficas nos textos de trabalhos acadêmicos. Revista de Biblioteconomia de Brasília. Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, v.9, n.1, p. 35-41, jan./jun. 1981.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

THOMPSON, Augusto. Manual de orientação para o preparo de monografias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicação e Artes. Serviço de Biblioteca e Documentação. Manual de Orientação bibliográfica à pós-graduação. São Paulo, 1988.

VERA, Armando Asti. Metodologia da pesquisa científica. Porto Alegre: Globo, 1976.

Endereço da ABNT:

Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT

Av. Treze de Maio, 13 - 28º andar - Centro

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20003-900

Tel.: (0xx21) 2210-3122 * R.: 127/131/133 - FAX: (0xx21) 2532-2143

E-Mail: abnt@embratel.net.br

Home Page: <http://www.abnt.org.br/>

CONCLUSÃO

“A esses quatro jovens Deus deu sabedoria e inteligência para conhecerem todos os aspectos da cultura e da ciência. E Daniel, além disso, sabia interpretar todo tipo de visões e sonhos.”

DANIEL 1:17

Esperamos que este curso tenha ajudado o aluno na compreensão da importância do trabalho científico, bem como sua elaboração de forma correta.

Cada vez que aprendemos e buscamos o conhecimento, este nos ajuda em todas as áreas da nossa vida, uma vez que “o saber não ocupa espaço”.

Como já informamos nossa pretensão não era esgotar todo o assunto, tendo em vista a vasta gama de materiais produzido nesta área, porém nos preocupamos a passar um conteúdo que certamente dará ao aluno a capacidade de fazer produções dignas de um acadêmico.

Que Deus continue te abençoando!

REFERÊNCIAS

- BARROS, A. J. P., LEHFELD, N.A.S.. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1986.
- COSTA, Antônio Fernando Gomes da. **Guia para elaboração de relatórios de pesquisa**: monografia. 2. ed. Rio de Janeiro: UNITEC. 1998. 218 p.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas. 1989. 287 p.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 107 p.
- KNELLER, G. F.. **A ciência como atividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- LAMBERT, K., BRITTAN, G. G.. **Introdução à filosofia da ciência**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- REY, Luiz. **Planejar e redigir trabalhos científicos**. São Paulo: Edgar Blucher/Fundação Oswaldo Cruz, 1987.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

OBS:

É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, sem a permissão por escrito, do Seminário Casa de Profetas.